

*Caderno
de Campo
2021*



1.º ENCONTRO, 9 DE SETEMBRO DE 2021.

Hoje é o primeiro encontro na Lagoinha, na Paróquia de São Cristóvão, perto do Conjunto IAPI. Somos eu, Heloísa, bolsista do Projeto de extensão, Neide, Marlene, Léa, Lurdinha, Bernadete, Goretti e Helena.

Agradeço a presença de todas e apresento novamente o projeto de pesquisa e extensão “Como a Palma de Minha Mão: memórias para redesenhar a cidade”, retomando seus objetivos. Início propondo entrevistas em duplas em que cada uma conte para a outra um pouco de sua história, uma forma de promover a integração entre elas e a experiência de entrevistar e ser entrevistada. Em seguida, cada uma apresenta o registro da história de seu par para o restante do grupo.

Ainda como uma dinâmica de integração e sensibilização, de “chegada”, proponho o jogo do espelho, de Augusto Boal, em que cada mulher repete os gestos da outra, observando-a atentamente. É também uma forma de promover esse reconhecimento da outra e de si mesma, ampliando a experiência da palavra para o corpo.

Agora somos nós, olhando para nós mesmas, observando nossas mãos, reconhecendo linhas, marcas, cicatrizes, calos. E também nossas histórias, experiências, lugares e pessoas ligadas a essas histórias. Linhas da vida, uma metáfora da própria mão como um mapa. Proponho então o desenho das palmas das mãos, tirando o molde, contornando-as sobre o papel, escolhendo a posição das mãos no papel, as cores do giz. E o desenho das linhas das mãos à mão livre, observando e desenhando, observando e desenhando.

Algumas comentam que nunca haviam olhado para suas próprias mãos dessa forma. Outras, que nunca haviam feito um desenho de observação. Outras ainda, que o desenho havia ficado feio ou que não sabem desenhar.

Convido para o café com pão de queijo. A Neide trouxe um bolo de laranja que ela mesma fez. Coloquei flores amarelas e folhas de laranja da terra em volta para ornar, agradecer e pedir bênção. Convido-as agora à mesa onde está aberto o grande tecido de algodão cru. Peço que escolham um lugar para si, que posicionem o desenho que produziram das próprias mãos e que usem as linhas, os fios e barbantes para criar algo que represente visualmente a conexão entre elas, a conexão entre suas mãos, corpos, histórias e lugares, inaugurando, assim, o grande mapa.



SEGUNDO ENCONTRO, 15 DE SETEMBRO DE 2021.

Hoje é a entrega do kit de bordado e autocuidado. Apresento o kit, que vem numa sacola de algodão cru, com detalhes estampados nas laterais e na alça, feita com tecidos que compramos na Cachoeirinha, eu e a Neide. A logomarca do Projeto, duas mãos unidas em concha e suas linhas, criada pelo Vitor, foi estampada na frente para ser bordada e, assim, permitir que elas personalizem suas sacolas.

Dentro do kit colocamos alguns materiais necessários para o bordado: linhas de várias cores, agulhas, tesoura, papel carbono, lápis, caneta para tecido, acetato, rodinha de alfinetes e uma pasta para guardar papéis. Inserimos também itens de autocuidado, como máscaras de tecido feitas pela Lourdinha, um sabonete perfumado, escalda-pés do Sítio Sertãozinho, creme para as mãos e harmonizador de ambiente feitos pela Rita com óleos essenciais, uma toalhinha com crochê em volta feita pela Marisa, uma caixinha de chá e um pacotinho de biscoitos do tipo “sequilhos”.

Após 18 meses de pandemia de Covid-19, a proposta do kit é prover as participantes com os materiais necessários para o bordado em casa e reforçar a importância de elas reservarem tempo e espaço de qualidade para esse encontro consigo mesmas.

Percebo grande entusiasmo no momento em que cada uma pôde escolher a estampa da sacola e ir colocando dentro cada item do kit. Algumas comentam que não vão usar o escalda-pés ou então que vão usá-lo como sachê para o armário ficar cheiroso. Outras dizem que vão guardar tudo, até o sabonete, ao que alguém respondeu que não guarda mais nada para usar depois.



TERCEIRO ENCONTRO, 24 DE SETEMBRO DE 2021.

Hoje, os riscos das mãos desenhadas no primeiro encontro vão ser transferidas para o tecido grande.

Vejo sacolas já completamente bordadas, como a da Lourdinha e da Goretti. Vejo até alguns paninhos que ganharam iniciais, como o da Helena.

Neide traz o risco pronto da Igreja de São Cristóvão e sugere que de cada lado do tecido seja colocada uma igreja: a de São Cristóvão de um lado e a de Nossa Senhora da Conceição, do outro. Exatamente como é no bairro.

O risco das mãos é passado para o tecido usando uma fotocópia com bastante contraste que preparei a partir dos desenhos delas. Então, não é preciso usar o carbono, apenas colocar o xerox embaixo do tecido, passar o lápis por cima e, se necessário, ir conferindo, olhando a própria mão.

Sugiro que elas comecem a pensar em elementos que fazem parte de suas histórias de vida e que podem ser incluídos em volta dessas mãos: Que animais? Que plantas? Que casas? Que lembranças de infância? Que pessoas? Que lugares? Que situações?

Neide e Bernadete, que já haviam feito desenhos de suas memórias, começam a transferi-los. Bernadete desenha o circo que ficava próximo ao IAPI e que é uma memória comum a muitas delas. Neide desenha a casa de sua infância em Pirapora. Anotações do que se pretende inserir são colocadas em volta, presas com alfinetes. Lea desenha prédios e escreve uma frase: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.” Cida chega e declara que sabe cozinhar muito bem, mas que não sabe bordar e que nem sabe se irá aprender! Eu a tranquilizo, dizendo que eu também não sei.

Estou com o calendário da Revolução Artesanal, um movimento de São Paulo que conheci em 2020 no curso “O despertar do fazer-se”. No mês de setembro há um texto que leio: “Manifesto: substantivo masculino do latim *manifestum*. Um ato, uma crença, uma exposição. Manifestamos aquilo que acreditamos para aquilo que estamos intencionalmente criando e para que o mundo se veja e se sinta convidado a se manifestar também. Manifesto é um ato político de presença. Sua presença verdadeira, com qualidade única, sendo e aparecendo pelo seu manifestar. Manifestar são as mãos em festa, fazendo, atuando”.



QUARTO ENCONTRO, 29 DE SETEMBRO DE 2021.

Começa o bordado no tecido grande e logo percebemos uma dificuldade operacional. Dependendo do ponto e do momento do bordado, acontece um “puxa daqui, puxa de lá” enquanto se borda. Lea relata uma experiência similar em outro projeto em que, após tentarem bordar sentadas no chão, decidiram cortar o tecido para depois emendar de novo, separando-o em partes que cada uma bordou em sua própria casa.

Sugiro então que elas pensem a respeito e concluam a melhor forma de resolver o problema. As linhas que comprei com a ajuda da Neide são linhas de novelo das marcas “Cléa” ou “Camila”, de muitas cores. Mas percebo que elas gostam mais de usar as linhas de meada, da marca “Anchor”, que são mais finas e vêm em feixes, possibilitando escolher com quantos fios bordar a depender do objetivo.

As conversas fluem e surgem assuntos de todos os tipos. Criei uma playlist no Spotify e ouvimos as músicas que elas mencionaram nas entrevistas, misturadas com as minhas músicas, que, aliás, às vezes são as mesmas: Clara Nunes, Alcione, Roberto Carlos, Beth Carvalho, sambas e boleros. Cida traz uma vasilha de pães de queijo que ela mesma fez.

Todas estão engajadas em seus bordados. E eu nem comecei o meu, ocupada que estou em registrar esses momentos, agora sem a Heloísa, a bolsista que me auxiliava, mas que arranhou um emprego e teve que sair do Projeto.

Tudo começou com a realização de uma entrevista em que perguntei apenas “Que lugar ou que lugares, você pode dizer que conhece como a palma de sua mão?” Após as entrevistas, produzi um retrato fotográfico de cada mulher em sua rua ou em sua casa. Esse retrato foi transformado em risco pelo Vitor, primeiro bolsista do Projeto. Vitor usou a mesa digitalizadora para extrair a síntese da pessoa retratada. Esse risco foi então impresso pela Elen com a técnica de sublimação. Todas essas têm sido experiências totalmente novas, demandadas pela adaptação que a pandemia de Covid-19 nos exigiu.

Hoje, os riscos dos retratos impressos em tecido americano cru serão entregues às mulheres que já foram entrevistadas e fotografadas. Imprimi também a fotografia original em papel couchê de gramatura 250. Enrolei os retratos e os amarrei com um fitilho, com o nome de cada uma.

É um momento importante, esse. E de grande surpresa para elas.



QUINTO ENCONTRO, 6 DE OUTUBRO DE 2021.

As sacolas bordadas vão chegando, já concluídas ou quase.

Goretti está desenhando suas lembranças de infância em Itabira no tecido grande, em volta de suas mãos, e está engajada nessa tarefa.

Cada dia uma delas traz algo que produziu para mostrar: toalhinhas bordadas, forros de bandeja, caminhos de mesa, tapetes, panos de prato, experiências e aproveitamentos.

Estamos cada vez mais descontraídas e o espaço do salão paroquial é muito agradável, amplo e silencioso. Tem um jardim anexo, onde há roseiras sempre floridas e um pé de pitanga sempre repleto de frutos.

A mesa do lanche é colocada próxima à porta que dá acesso ao jardim e lanchamos ao ar livre. O lanche é preparado por mim e é sempre diverso, com sucos, frutas, pães, bolos e café. Às vezes, alguém traz algo para compartilhar e a Dalva, que trabalha na igreja, coa café pra gente. Tudo tem sido adquirido com os recursos que recebemos da Lomaq, empresa da Cláudia, minha vizinha, que está apoiando o projeto neste ano.

Os encontros ocorrem das 14h às 17h. Chego por volta de meio-dia para organizar tudo e depois, ao final, elas me ajudam a desmobilizar e a colocar as coisas no carro. Então, saio daqui por volta das 18h e vou pra casa pensando no que foi, no que poderá ser e no que já está sendo. No que não foi previsto, na relação com elas e no desenho do próximo encontro.

Neide hoje mostrou seu mapa pessoal da Lagoinha em processo, fruto da experiência que iniciei com ela e com a Goretti durante o isolamento social e que consistiu na elaboração de uma colagem digital feita com fotos de acervos pessoais e outras imagens encontradas na internet, tudo baseado nas anotações que fiz no momento da entrevista e que o Vítor, assim como no caso dos retratos, transformou em risco de bordado. O resultado desse processo ficou muito interessante, mas quero que elas mesmas produzam seus riscos. Afinal, esse é o objetivo principal do Projeto. Mas como isso se dará?



SEXTO ENCONTRO, 13 DE OUTUBRO DE 2021.

Roda de bordação.

Enquanto as mãos no tecido grande ganham seus contornos em linhas de diferentes cores, Gorete está fazendo, em uma velocidade impressionante, o Pico do Cauê, uma paisagem de Itabira. Ela incluiu também brincadeiras de sua infância: corda, amarelinha e ciranda.

Estou sem bolsista, mas tentando encontrar alguém para substituir a Heloísa.

Marlene e Lurdinha não vieram hoje. Me pergunto se conseguiremos manter o engajamento para os encontros semanais.

Os retratos vão se revelando. Alguns estão bem adiantados, como o da Marlene, que começou bordando seu cabelo. Na fatura dos retratos, as linhas de meada são as preferidas, devido à qualidade e delicadeza do resultado. Então elas trazem seus próprios materiais e linhas para misturar com os nossos. Caixas, latinhas e bolsinhas com universos de materiais possíveis.

Lea trouxe as linhas antigas que eram de sua madrinha. Tipos de linhas que nem existem mais. Ela é a única que está fazendo seu retrato a partir de uma foto de acervo em que ela aparece com a própria mãe. Em realidade, ela me delegou essa escolha e eu achei que seria significativo escolher essa foto, considerando o que ela me contou na entrevista.

Olhando para esses retratos agora, recordo o processo: após a realização das entrevistas, fiz o retrato fotográfico. Vitor fez o desenho, que também é um retrato, uma segunda interpretação através de seu olhar. E elas estão fazendo um terceiro retrato, um autorretrato bordado, visto que terão que escolher os pontos, as linhas, as cores e se debruçar sobre esse fazer de fazer-se.



SÉTIMO ENCONTRO, 20 DE OUTUBRO DE 2021.

Proponho que façamos desenhos de alguma lembrança envolvendo brinquedos ou brincadeiras de infância. Essa foi uma memória presente em todas as entrevistas e, assim como a Goretti, a Bernadete e a Neide também desenharam à mão livre, atendendo ao meu pedido.

Distribuo folhas brancas no formato A4, giz de cera e pincel hidrocor.

“– O que é para fazer?”; “– Ah, mas eu não sei desenhar.”; “– O que eu vou fazer agora, meu Deus do céu?”; “– Olha que coisa horrível” são os comentários que surgem na hora de desenhar.

Percebo que algumas sentem medo da avaliação, da comparação e da crítica e que é um momento de tensão para elas. Digo que não há certo nem errado no desenho, apenas o desenhar e o próprio desenho.

Aos poucos, vão surgindo carrinhos de rolimã, cordas, bolas, jogos de queimada e pique-esconde. Apesar de tímidas, cirandas aparecem em meio a montanhas, árvores, estradas, córregos e plantas.

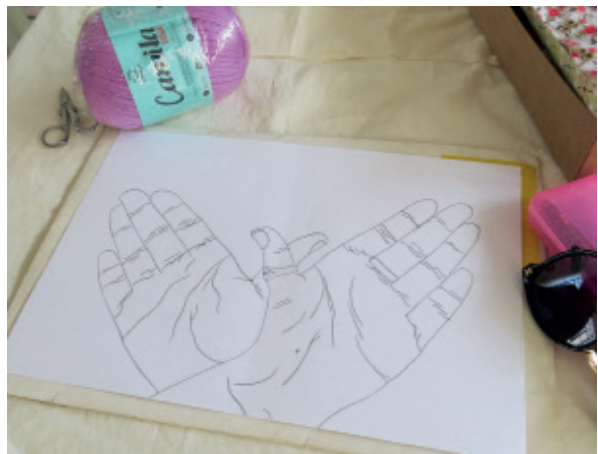
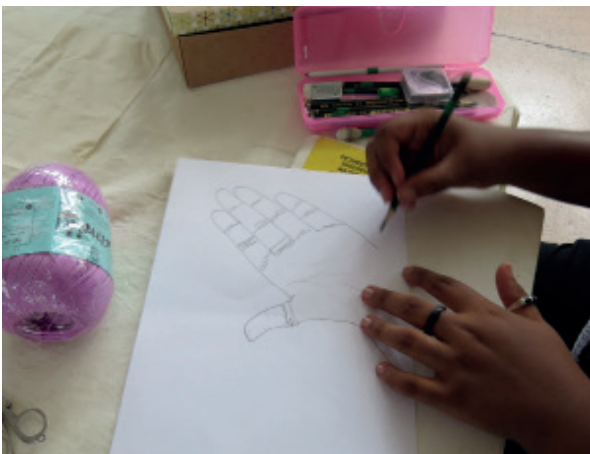
Eu mesma desenho três mãos infantis lançando varetas coloridas. Uma dessas mãos é a minha. As outras duas, de meus irmãos.



OITAVO ENCONTRO, 27 DE OUTUBRO DE 2021.

Hoje chega a Amanda, nova bolsista do Projeto. Ela é da mesma turma da Heloísa e foi uma das pessoas que pensei para estar comigo aqui. Lembro-me bem das aulas em que apresentou trabalhos, tanto no formato remoto, quanto nas aulas presenciais, e há algo que me atrai nela: sua forma de estar presente naquilo que faz e também sua forma clara de se comunicar. Toca contrabaixo na Orquestra do Tribunal de Justiça e está terminando de cumprir as mais de 400 horas de estágio obrigatório exigidas pelo curso de Artes Visuais - Licenciatura numa Escola de Educação Infantil. Ela está no quinto período e já concluiu o estágio. Nas disciplinas da escola, é aplicada, participativa e sempre traz contribuições interessantes. Além disso tudo, está sempre bem, sorrindo e disposta.

E eu estou bem animada.



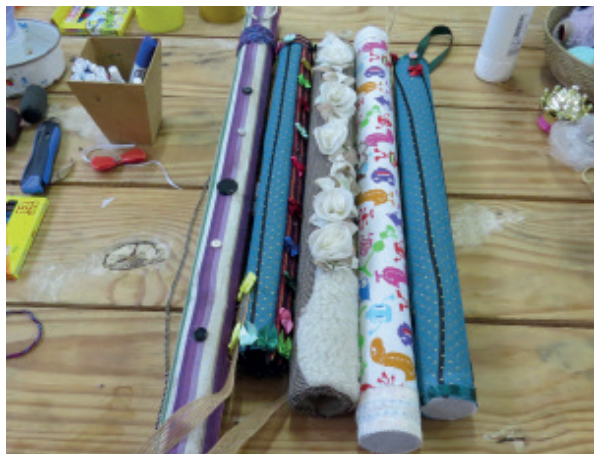
NONO ENCONTRO, 13 DE NOVEMBRO DE 2021.

Amanda desenha as próprias mãos e já começa a bordar.

Eu também comecei a bordar as minhas, usando o ponto corrente ou ponto correntinha.

As meninas, sobretudo Neide e Bernadete, se levantam da mesa e começam a nos ensinar alguns “pulos do gato”.

Eu trouxe alguns livros de poesia e peço que cada uma escolha um livro para levar para casa com a tarefa de ler e selecionar algo para compartilhar com o grupo na semana que vem. Percebo o interesse delas pelos livros. Tem vários do Drummond e da Adélia Prado, mas também antologias da poesia brasileira, Lya Luft e Manuel Bandeira, entre outros.



DÉCIMO ENCONTRO, 10 DE NOVEMBRO DE 2021.

Hoje vamos produzir um sussurrador de poesias. É um momento de sensibilização, expressão, criação e ativação de outros sentidos.

Começo promovendo uma experiência em que sussurro para cada uma o trecho de uma poesia. Elas estão de olhos vendados e não sabem o que é um sussurrador, apenas recebem o sussurro. Em seguida, ainda sem mostrar o sussurrador, peço que elas compartilhem a poesia ou o conto que escolheram dos livros da semana passada. Então, apresento o sussurrador e a mesa com muitos materiais para que elas possam produzir, cada uma, o seu próprio sussurrador de poesias.

Ao longo do encontro percebo uma tendência à padronização, à necessidade de um referente, de um parâmetro a ser seguido. Uma certa timidez na experimentação dos materiais. E também uma carência em relação à combinação de cores. Noto também uma necessidade de “enfeitar” as peças, o que às vezes extrapola o significado de cada elemento, criando um excesso de referências. Chama minha atenção também o impulso de repetição, no sentido da cópia e uma preocupação em “não gastar à toa”. Houve quem partisse um tubo que já era pequeno.

Foi notório o interesse pelos materiais, mas não para usar ali naquele momento, e sim para aplicar em outras coisas. Por exemplo, fitas, rendas, que poderiam ser usadas em peças que elas produzem como toalhas, panos de prato etc. Senti como se elas não considerassem que aquilo fosse importante. Talvez a expressão de um paradigma baseado no qual tudo precisa ter uma “aplicabilidade real” versus a função simbólica, poética. [Pensar...]

Mas, por fim, todas experimentaram, todas receberam sussurros e, sobretudo, todas ofereceram sussurros poéticos. E, nesse sentido, vejo o valor da experiência, pois elas se deslocaram do lugar de receptoras para o lugar de produtoras de sentidos, através de algo que elas mesmas construíram, sussurrando poesias que elas escolheram.

Percebi em algumas uma dificuldade com a leitura, misturada com a timidez, com o medo de errar. Mas, ao mesmo tempo, percebi o interesse pelos livros, pela leitura e pelas poesias também.



DÉCIMO PRIMEIRO ENCONTRO, 17 DE NOVEMBRO DE 2020.

Fizemos uma roda de bordação.

Neide trouxe desenhos que ela fez com giz de cera representando casarões da Rua Itapeceira. Usou como suporte para os desenhos amostras de tecidos para estofar que seu marido traz da empresa em que trabalha. Os traços principais foram feitos com caneta esferográfica e, para fixar o giz de cera, ela aqueceu, passando a ferro. Os riscos lembram os que foram utilizados na oficina de bordado ofertada pelo artista Rodrigo Mogiz no Centro Cultural e que teve como tema os casarões e casas da Lagoinha.

O resultado é lindo, muito interessante! Neide é ousada e segue sua intuição.

Helena trouxe para mostrar o trabalho que desenvolve escrevendo nomes em barrados de crochê, uma técnica super meticulosa que ela aplica em toalhas.

Cida trouxe um bolo caseiro, feito por ela também.

Eu trouxe um livro de contos chamado “Baú de Trocas” e li um conto pra elas. Conversamos a respeito.

Bernadete trouxe novamente seu desenho para aplicar outros elementos no tecido grande.

E Amanda avança em seu bordado.



DÉCIMO SEGUNDO ENCONTRO, 24 DE NOVEMBRO DE 2021.

Convidei a arte terapeuta Cláudia Martins, que é focalizadora de Dança Circular Sagrada para conduzir uma roda conosco. E ela também borda. Meu primeiro contato com a dança circular havia sido no Sítio Sertãozinho, em Moeda, quando conheci a Cláudia, e desde então esperávamos essa oportunidade.

Faço um varal de barbante e penduro os retratos, os desenhos com giz de cera da Neide e os mapas bordados que já estão prontos. Ou quase prontos.

Outra Cláudia está conosco hoje. Minha vizinha, Cláudia, se encantou pelo Projeto e, através de sua empresa, a Lomaq, ela nos apoiou financeiramente em 2021. Com o recurso, fizemos os kits de bordado e autocuidado e vimos mantendo o Projeto até aqui.

Cláudia Martins traz livros sobre bordado, como “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti; “Vou ali e volto já”, de Sávila Dumont, “Entre nós”, do grupo Borderlando, “A menina que bordava bilhetes”, de Lenice Gomes, “Exercícios de ser criança”, de Manoel de Barros e ilustrado com bordados feitos pelas bordadeiras da família Dumont de Pirapora. Cláudia lê o livro “A menina que falava bordado”, que narra a história de uma menina muito calada, mas não porque era triste, e sim porque achava muito mais divertido bordar do que falar. A menina tinha um ponto de bordado para cada situação, para falar o que precisasse, só que através do bordado.

Convidei Isabella Coelho, minha aluna de Artes Visuais - Licenciatura, para estar conosco, pois ela realiza uma pesquisa sobre tingimento de tecidos com pigmentos naturais e demonstrou interesse em propor algo para o grupo de mulheres. Américo, também meu aluno e fotógrafo, veio fazer alguns registros.

A dança circular nos envolve. Cláudia escolheu músicas e danças muito especiais, entre elas uma que me fez chorar muito, com a música “A Começar em Mim”, do grupo Vocal Livre. As mulheres se envolvem e, mesmo que algumas tenham dificuldade com a dança, foi um momento de muita leveza, alegria, integração e, para mim, de cura.

Cida fez quiche de queijo com goiabada e assou aqui mesmo. Goretti fez limonada suíça com água gasosa e hortelã. Cláudia Martins e Isa bordaram no tecido grande. Cláudia bordou um coração e Isa escreveu numa das pontas do tecido: “EU NATUREZA”.



DÉCIMO TERCEIRO ENCONTRO, 26 DE NOVEMBRO DE 2021.

Estamos a caminho do Instituto Inhotim, em Brumadinho. O mote é ver a exposição de bordados “Histórias do Vivido: sementes de esperança”, fruto do trabalho do Instituto Cultural Antônia Diniz Dumont com a Fundação Vale, em que mulheres afetadas pelo rompimento da barragem de rejeitos da mineradora, em 2019, bordaram suas histórias de vida. E também, visitar o Parque, ver as obras de arte, viver uma experiência nova para algumas que ainda não conheciam Inhotim.

É magnífico estarmos aqui. A exposição de bordados supera todas as expectativas em todos os sentidos. As histórias, os próprios bordados, a expografia. Cida diz: “ – Agora eu entendi o que estamos fazendo”.

Além disso, a relação com as espécies do jardim botânico, a visita ao vandário, que está todo florido.

Por outro lado, a relação delas com as obras de arte contemporâneas, com destaque para os trabalhos de Rivane Neuenschwander, Lygia Pape, Aleksandra Mir, Lúcia Koch e John Ahearn & Rigoberto Torres, geraram muitas conversas.

A educadora que mediou nossa visita, a Raiany, é excelente. Oferece ao grupo o tempo da fruição. Não explica. Abre o diálogo. O programa “Inhotim para Todxs” ofertou o transporte e os ingressos, o que viabilizou a nossa ida, assim como a possibilidade de almoçarmos no restaurante dos funcionários, que tem um preço justo e cada uma arcou com essa despesa.

Alguns apontamentos: Cida abraçou uma árvore, cumprindo a orientação dada pelo padre Roberto, da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Pobres. Amanda e Bianca, que também é minha aluna, estão comigo.

Eu não estou bem.



DÉCIMO QUARTO ENCONTRO, 10 DE DEZEMBRO DE 2021.

Roda de bordação.

Trago para Cida o livro que era da minha avó materna, “Minha vida em Diamantina”, com desenhos possíveis para seus bordados.

A Neide está quase finalizando o bordado da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Pobres, que vai entrar no tecido grande.

Marlene, que levou o tecido grande para casa, voltou com vários desenhos em volta de suas mãos, o que me deixou muito encantada. Adoro o jeito da Marlene de desenhar e bordar.

Neide está bordando um desenho dela com uma casinha e uma frase: “Meu lar sou eu”.

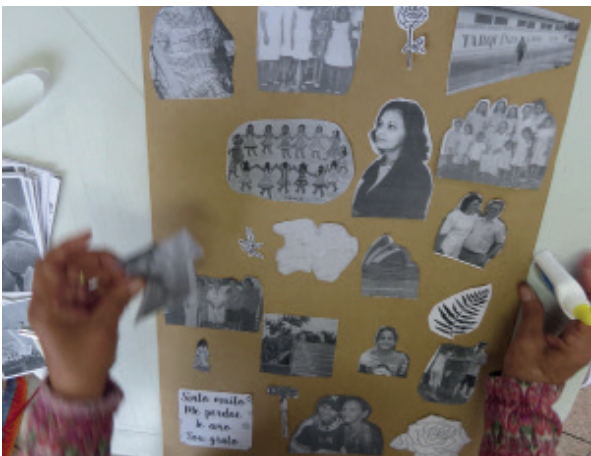
Lea não veio hoje.

Helena troca ideias com Neide sobre o retrato dela. As duas olham detidamente o lado direito e o lado avesso.

Lourdinha está bordando a blusa do retrato em amarelo bem forte.

Dalva sempre deixa um arranjo floral para nossa mesa de café.

Leio a mensagem para o mês de dezembro no calendário da Revolução Artesanal: “Mundo: Substantivo masculino do latim, *mundum*. Universo, mundo, forma, tudo aquilo que é manifestado por nós, seres humanos, cria o mundo e cria mundos cheios de significados e sentido. Todo mundo cabe em uma pessoa e esse todo presente em cada um, quando manifestado, transforma e dá forma a um mundo novo. Aqui, o universo pessoal e o mundo nascem da nossa mais infinita potência criativa de ser humano”.



DÉCIMO QUINTO ENCONTRO, 15 DE DEZEMBRO DE 2021.

Hoje é a oficina de colagem para a produção dos mapas pessoais. Retomo o objetivo do encontro e mostro o mapa já bordado da Neide.

Amanda, Bianca e eu fizemos uma coleta de imagens na internet para juntar com as fotografias que elas trouxeram, e assim formar um repertório extenso de imagens para cada.

Além dessas imagens, que se referem especificamente à história de vida de cada mulher, imprimimos grande quantidade de fotografias da Lagoinha, do passado e do presente. Abrimos todas elas na mesa grande de madeira. Bianca está conosco hoje também.

Vamos trabalhar fazendo uma colagem representativa de nossa história de vida. Escolhendo os símbolos, as pessoas, os lugares, as experiências, os objetos que marcaram nossa trajetória. Numa folha de papel kraft, as imagens que elas escolheram e recortaram dando o enfoque desejado são dispostas, criando, assim, uma narrativa.

Essa é a forma que idealizamos de devolver a elas a produção dos mapas pessoais, processo muito diferente do que usamos para produzir os primeiros mapas durante o isolamento. Agora, passada a pandemia, cada uma irá produzir seu próprio mapa e estimulamos que, além de “tirar o risco” da colagem, elas desenhem também.

Todas estão compenetradas. Amanda, Bianca e eu estamos disponíveis para responder dúvidas e ajudar, se necessário. É interessante ver as colagens tomando forma e reconhecer a conexão entre as imagens escolhidas e as entrevistas. O que entrou e o que ficou de fora? Ao final, vendo todas as colagens juntas, compartilhamos os sentidos da experiência para cada uma.

Está frio, então Cida fez queimadinha na hora do lanche.

Lea não veio hoje.



DÉCIMO SEXTO ENCONTRO, 20 DE DEZEMBRO DE 2021.

Hoje vamos fazer o risco dos mapas. A partir das colagens do encontro passado, vamos extrair a síntese de cada imagem, seus traços principais. Usaremos uma folha grande de papel vegetal, que tem as qualidades ideais para o trabalho: é transparente e é forte, não rasga com facilidade. Sobrepondo esse papel à colagem, as mulheres vão escolher o que ressaltar com o lápis ou a caneta, dando origem ao risco, que depois será então transferido para o tecido. O tecido que estamos utilizando é do tipo “americano cru”, o mesmo que usamos para os retratos.

Enquanto a maioria preferiu usar o lápis, Lea e Marlene usaram a caneta de retroprojektor. Senti que elas tiveram mais liberdade e confiança no próprio traço, apesar de me parecer que são liberdades ou confianças de tipos diferentes. Estimulamos que desenhassem também à mão livre e que fossem sentindo no processo o que mais poderia entrar nos mapas: outras memórias, outras ideias, outras imagens. Enfatizamos o caráter único, pessoal, exclusivo, individual e autoral desse bordado.

O resultado é surpreendente para todas nós. Cida comenta que está orgulhosa e que não imaginava que seria capaz de fazer algo desse tipo.

Trocamos dicas sobre a melhor maneira de usar o carbono e distribuimos o tecido já cortado no tamanho ideal para a transferência do desenho para o tecido, o que será feita em casa, pois demandará tempo e espaço.

Quero ressaltar o caráter experimental e autobiográfico desse processo, uma vez que, embora “tirar o risco de imagens” seja uma prática recorrente entre bordadeiras, essas imagens quase nunca são autorreferentes. As bordadeiras que estão conosco, por exemplo, que bordam há muito tempo e participam de diversas oficinas, nunca haviam feito algo nesse sentido.

Penso também que o processo vivido por nós até aqui tenha influenciado a oficina de hoje: desde a entrevista, passando pelo retrato, as experiências com o desenho, tudo o que experimentamos certamente influenciou as escolhas delas: a montagem da narrativa, a composição da colagem, o desenho. Esse desenho, por sua vez, mesmo se tratando de um decalque, não deixa de ser um novo desenho quando passado para o papel vegetal e novamente um outro desenho quando transferido para o tecido. E, finalmente, podemos dizer, um novo desenho quando bordado. São camadas.



DÉCIMO SÉTIMO ENCONTRO, 22 DE DEZEMBRO DE 2021.

Hoje é nosso encerramento de Natal. Cada uma preparou um prato para compartilhar e vamos fazer um amigo-oculto.

Heloísa trouxe as plantinhas que acompanham o kit de bordado e autocuidado. Nós não conseguimos entregar a planta antes e esse é o momento adequado, pois ela traz todo um simbolismo para o grupo nesse momento de Natal. Chama-se “Mãe de Milhares”.

Trocamos abraços e presentes que teriam que ser feitos pelas mãos da pessoa que oferece: um amigo-oculto artesanal.

Padre Sebastião trouxe abacaxis do interior e fizemos vários brindes com o licor de Amarula feito pela Cida.